

## **O Estado e a Escola**

**Fernando Antonio Dornelas Belmont Neri**

UFPB – belmont\_adn@hotmail.com

**Ivana S. Bastos**

UFPB – ivanna\_bastos@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Este artigo é resultado de trabalho de conclusão da disciplina Estágio Supervisionado II, do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Trata-se de etnografia de caráter qualitativo, cunho descritivo, que aborda aspectos estruturais, funcionais, administrativos e educacionais que envolvem a realidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula e sua relação com o Estado e com a comunidade. O objetivo inicial era compreender o funcionamento do futuro ambiente de trabalho dos(as) estudantes/pesquisadores(as), observando também as relações sociais da escola com a comunidade do seu entorno, aspecto esse que acabou recebendo muita atenção no decorrer da pesquisa – em função de questões como a violência, por exemplo. A coleta de dados foi realizada a partir do levantamento das informações obtidas nos relatos de professores(as), funcionários(as) e alunos(as). Apresentamos elementos que possibilitam uma reflexão da escola pública em face às inspirações provocadas pelos novos conteúdos e disciplinas, como é o caso da implementação da sociologia no ensino médio. Observamos inúmeros obstáculos na implementação do processo de ensino e aprendizagem e na construção do conhecimento crítico, averiguamos problemas estruturais no ensino público que resultam em fortes inconsistências na administração, funcionalidade e compromisso social da escola com seus alunos(as).

**Palavras- Chave:** estado, escola e educação.

O presente artigo é resultado de trabalho de conclusão da disciplina Estágio Supervisionado II, do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais (segundo semestre de 2009). Trata-se de um relatório, que está estruturado em aspectos que envolvem a realidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, localizada no bairro da Torre. Aqui, encontraremos elementos que se referem a questões funcionais, estruturais, administrativas e de relações sociais com a comunidade local, entre outras situações que ficam nas entrelinhas dos discursos da direção, professores(as) e alunos(as). Vamos evidenciar aqui, reflexões preliminares diante da realidade da escola pública face aos desafios da sociedade atual em relação à implementação de novos conteúdos e disciplinas, como é o caso da sociologia e filosofia, em especial a sociologia no ensino médio.

Vamos descrever sobre a experiência de observação da escola, em linhas gerais, através de algumas visitas e contatos realizados na observação de campo.

### **Metodologia**

Trata-se de uma etnografia com caráter qualitativo e cunho descritivo. Recurso metodológico de investigação científica que também foi utilizado foi a descrição densa, segundo a definição de Geertz (1989). Esse tipo de “estratégia de pesquisa” – de presença constante dos(as) pesquisadores no campo – foi e continua sendo muito utilizado por antropólogos(as) em suas pesquisas e tem a vantagem de facilitar a melhor compreensão do objeto de estudo. Nossa presença constante no campo durante o recorte temporal de cerca de três meses, permitiu perceber um pouco do cotidiano da escola e foi imprescindível para a compreensão do funcionamento da comunidade escolar.

### **Sobre o bairro**

A escolha desse bairro – Torre<sup>1</sup> – deu-se por diversas razões. Historicamente, essa parte da cidade se compõe de uma população misturada entre camadas de famílias carentes e uma

---

<sup>1</sup> O nome Torre foi dado tanto pelo fato de ser um bairro com uma topografia elevada, no alto de uma colina, quanto pelo fato de ter sido habitado inicialmente por uma família de sobrenome Torres, segundo os moradores mais antigos desse bairro.

classe média composta por comerciantes que se organizaram em volta do Mercado da Torre.

Segundo os moradores mais antigos do bairro, até os idos dos anos 1980 o bairro da Torre tinha uma parte de habitantes de baixa renda, e o local ocupado por eles era chamado de Brasília de Palha. Quando a Avenida Min. José Américo de Almeida – a popular Beira Rio – foi construída, ela dividiu a chamada Brasília de Palha da hoje denominada Comunidade Padre Hildon Bandeira. Essa parte é composta efetivamente por habitações precárias e habitantes carentes, embora seja urbanizada e goze de serviços e equipamentos urbanos, como água encanada, esgotos, escolas e um Posto de Saúde do Programa da Saúde da Família.

### **Primeiros contatos**

Esta escola foi escolhida pela facilidade de um dos pesquisadores ter sido seu antigo aluno. Além disso, uma das pesquisadoras da equipe tem uma informante-chave com a qual já tinha contato anterior e que trabalhou nessa escola durante 15 anos (hoje ela está aposentada, mas visita a escola com certa frequência em função das amizades que fez por lá). A “estratégia de pesquisa” por nós escolhida tem a vantagem de facilitar o acesso ao local da pesquisa e, além disso, abre caminhos pois esse(a) informante poderá apresentar pessoas, mostrar lugares que talvez sem ele(a) os(as) pesquisadores(as) não teriam acesso.

Foi exatamente o que aconteceu, ela – a informante – mostrou toda a escola, nos apresentou aos funcionários. Certamente isso foi de grande utilidade, pois pudemos conversar com todos eles – mesmo na ausência dela – pois tínhamos já sido apresentados e certamente eles(as) tiveram uma maior confiança para conversar, pois nossa informante é uma pessoa bem conhecida por todos(as).

A primeira visita foi marcada por um acontecimento importante. Quando chegamos à escola, nossa informante já estava lá. O primeiro lugar que fomos ao chegar foi na secretaria, que estava em polvorosa. As funcionárias que ali se encontravam conversavam alto e como nunca tínhamos estado naquele ambiente, ficamos nos perguntando se aquele seria um comportamento típico ou se havia realmente algo errado como aparentava. Não dissemos nada, apenas aguardamos um pouco. Fomos apresentados às três funcionárias que se encontravam na sala e que aparentaram não se importarem muito com a nossa presença. Depois nossa informante contou o que tinha acontecido e foi fácil entender o motivo da

desatenção. Pouco antes de chegarmos à escola, tinha ocorrido uma briga entre dois alunos. Um deles conseguiu sair da escola e o outro ficou. O aluno que tinha saído retornou à escola e uma das funcionárias percebeu que ele estava armado com uma faca. Mas conseguiram desarmá-lo, chamaram seus pais e os dois foram para casa.

Relevante dizer que se não fosse a informante, muito provavelmente não teríamos ficado sabendo o que ocorrera ou demoraria um pouco para que a informação chegasse até nós. O conhecimento desse fato foi de extrema relevância, pois certamente ajudará a entender o perfil dos(as) alunos(as) que freqüentam a escola.

Retomando as observações feitas nesse contato inicial, percebemos que as salas continham poucos alunos, talvez em função de ser uma sexta-feira que antecedia um feriado (trata-se de uma hipótese que foi confirmada, em parte, mas falaremos disso mais adiante).

Um fator que nos chamou atenção, num primeiro momento, foi a biblioteca. Tratava-se de uma sala um pouco mais ampla que as demais, um tanto desorganizada e completamente vazia. Vazia não só de alunos(as), mas soube através da informante que existem dois bibliotecários, um para o turno matutino, outro para o vespertino e que o primeiro cumpre direitinho seu horários, enquanto o segundo quase nunca aparece. Além disso, o espaço é desorganizado, as estantes estão um tanto bagunçadas e os livros visivelmente em pouca quantidade. Aparentemente o espaço não é muito utilizado.

Existe uma sala de computadores que infelizmente não pudemos ter acesso nessa primeira visita, porque estava trancada.

A idéia nesse momento era saber a média de alunos(as) matriculados, se estes alunos(as) realmente freqüentam a escola, como é a questão da violência nesse ambiente (tentaremos descobrir se o evento ocorrido acontece com alguma periodicidade ou se foi um fato isolado), assiduidade dos alunos(as), dentre outros fatores.

À primeira vista, a escola aparenta se enquadrar ao que se espera de uma escola pública. Queremos com isso dizer que há uma tendência em acreditar que a escola pública é depredada, mal qualificada, não oferece recursos adequados, não dispõe de funcionários que se dediquem realmente às suas funções, e a localização reforça esse imaginário, pois existe um dualismo no bairro da Torre. Por um lado, moradores de classe média e, por outro, moradores menos abastados financeiramente e a inclinação pesa na crença de que os

menos abastados estudam nas escolas públicas. Mas deve-se ter todo o cuidado com essas disposições, pois há o risco de entrar na escola e só conseguir notar isso, pois tudo se enquadra no que já é esperado. Estaremos alerta no sentido de tentar perceber as nuances e ter muita cautela para observar detalhadamente e não cair nas inúmeras armadilhas que estão sempre engatilhadas a pegar um pesquisador(a) desprevenido(a), fazendo com que sua pesquisa não se funde em informações reais e sim em informações de senso comum.

### **Aspectos estruturais**

O primeiro contato com a escola foi impactante visualmente, em relação à parte externa e ao seu estado físico: muros e grades deteriorados e telhas quebradas. No entanto, seguimos nossa observação em sentido ao interior da escola, na busca de um primeiro contato com a diretoria.

Descobrimos que na escola existem dez salas de aula e todas se encontram em péssimo estado de funcionamento, ventiladores e janelas quebradas, teto caindo, cadeiras maltratadas, quadros sujos e danificados, etc.

Ao chegarmos na sala da diretora (só conseguimos conversar com ela na segunda visita), fomos informados que não seria possível realizar estágio de sociologia, já que a disciplina ainda não era lecionada na escola. Explicamos que o objetivo do estágio era outro, conhecer aspectos gerais de funcionamento da escola, nos familiarizando com a mesma. A diretora foi bastante receptiva e conversou conosco durante longo tempo.



A diretora confirmou o que vimos dentro e fora da escola, acrescentando problemas no aspecto interno. Ela disse que nos dias de chuva e no inverno, ela vai de guarda chuva para as salas de aula, pedir para os(as) professores(as) pararem a aula e dispensarem os(as) alunos(as). Segundo a mesma: “situação de fazer dó...”

Outro problema estrutural da escola é o da quadra de esportes, que há muito está em

reforma e os(as) alunos(as) estão, por período indeterminado, sem aulas de educação física.

### **Aspectos funcionais**

Em relação à biblioteca – segundo o Professor de Geografia, atual bibliotecário – o acervo não é dos piores. Para o professor, pior é o hábito dos(as) alunos(as) de não irem a biblioteca e de lerem muito pouco.

Existe um laboratório de informática – mencionado no início do texto – que foi criado através da doação de computadores pela Unimed, hospital que fica ao lado da escola (falaremos melhor sobre isso adiante). De certa forma, o laboratório atende às demandas dos(as) alunos(as) que se utilizam desses recursos, mesmo com o controle e supervisão exclusivo da direção. Essa sala de computadores, normalmente fica trancada quando não está sendo usada (por isso não tivemos acesso ao local na primeira visita). Isso porque já ocorreu vandalismo e mau uso dos equipamentos. A sala tem em média quinze computadores, com acesso a internet, mas os(as) estudantes só podem ter acesso à sala acompanhados de um(a) professor(a) ou alguém que se responsabilize pelo possível dano que possa vir a ser causado.

A diretoria da escola, num primeiro momento, não nos informou o número exato de professores(as), mas afirmou que existem cerca de setenta funcionários(as) somados professores(as) e funcionários(as) dos três turnos. Foram feitos questionamentos em relação à disciplina de sociologia e ela nos informou que foram retiradas duas aulas durante a semana – das disciplinas de história e geografia – para serem substituídas pelas aulas de sociologia e filosofia. Contudo, por ordem da secretaria de educação, as disciplinas de história e geografia não podem, na realidade, assumir a função de outras disciplinas.

Ainda sobre as aulas de sociologia e filosofia, a diretora disse que já enviou ofício à secretaria de educação do Estado solicitando professores(as) para estas disciplinas – regulamentadas segundo o art. 36 da LDB – e recebeu como resposta que no momento estão sem professores(as) da área e que aguardem. Além disso, receberam ainda ordem da Secretaria do Estado para que retirassem das salas de aula os(as) professores(as) que não fossem habilitados e licenciados em sociologia e estivessem lecionando a disciplina, como foi o caso do professor de Geografia que estava dando aulas de sociologia.

Numa outra visita, a diretora nos deu algumas informações sobre o colégio, disse que o mesmo contém dez salas de aula e, somando-se os três turnos, a instituição tem entre 300 e 400 alunos. O quadro é de setenta e um (71) funcionários(as), sendo três (3) deles(as) cargos fantasmas<sup>2</sup>. São trinta (30) professores(as), vinte e sete (27) deles(as) com licenciatura plena.

Questionamos sobre essa situação e a diretora nos falou a respeito. Ela nos disse que existem na escola oito professores(as) com contratos temporários com o Estado. Isso mostra a desqualificação da profissão de professor(a) que já recebe mal como efetivo e ainda menos como temporário.

Evidenciamos que a secretaria de educação determinou a oferta e implementação das disciplinas de sociologia e filosofia na distribuição da carga horária de aulas na escola, deixando assim lacunas em outras disciplinas e nas mencionadas acima, já que não existem licenciados nas disciplinas de sociologia e filosofia e, conseqüentemente, não existem aulas, contradizendo-se a secretaria em sua efetividade. Na visão da diretora “não houve um acerto entre a demanda e a oferta”.

Observamos ainda a ausência de professores(as) na escola, nos horários em que estivemos em trabalho de campo. Numa das visitas encontramos no local apenas duas salas com professores(as), das dez existentes.

Nas idas seguintes à escola – grande parte delas feitas nas sextas-feiras – observamos claramente que havia uma evasão tanto de alunos(as) quanto de professores(as). No que diz respeito aos(as) funcionários(as) também existe uma certo comportamento relapso. Dizemos isso porque em algumas ocasiões, chegávamos à escola já próximo às 14:00hs (o horário de início das aulas é às 13:00hs) e ainda não havia chegado ninguém na secretaria. Isso de forma alguma impedia o fluxo de alunos(as) entrando e saindo do ambiente. Questionamos esse tipo de atitude porque a secretaria é um local onde certos papéis ou documentos deveriam estar longe do acesso dos(as) alunos(as).

Numa dessas ocasiões, encontramos com duas alunas concluintes do ensino médio na secretaria e aproveitamos para conversar um pouco com elas. Perguntamos por que os(as)

---

<sup>2</sup> Alguém em posição hierárquica superior faz uma ligação para a diretora, pedindo-lhe que não devolva os contra-cheques dos(as) funcionários(as) fantasmas e, por medo de sofrer alguma consequência negativa ela não vê outra alternativa e, simplesmente, obedece a solicitação (informação concedida pela diretora).

alunos(as) não usam uniforme, elas disseram que os(as) estudantes fazem o que querem na escola porque a direção não tem “moral” pra impor nada.

A diretora nos falou também sobre problemas judiciais que a escola está enfrentando, em função de uso indevido de verbas escolares pela antiga diretora que, por esse motivo foi afastada do cargo. A atual diretora declarou seu desejo de se afastar do cargo, alegando que são muitas dificuldades e poucos recursos, além de estar bem próxima sua aposentadoria.

### **Jogo de cintura**

São inúmeras as dificuldades apontadas pela diretora, citaremos algumas. A quantidade de material de limpeza que é disponibilizada mensalmente para o colégio é bem pequena segundo a diretora (apenas um kit para uma escola de grande porte como a Raul Córdula). Para tentar amenizar o problema, a direção aluga o pátio nos fins de semana para igrejas evangélicas reunirem seus adeptos para os chamados “Louvores”. O pagamento é feito em material de limpeza.

Outra forma de driblar as dificuldades é realizando trocas. Isso porque, ao contrário dos recursos para material de limpeza, a verba da merenda é satisfatória, estando a diretora orgulhosa em dizer que tem merenda nos três turnos. Estando a merenda garantida e de certa forma até um tanto farta, às vezes, quando há necessidade, a diretora troca merenda por material de limpeza.

Há um dentista na escola, mas não há consultório com equipamento apropriado para atendimento, ou seja, não há atendimento. Existe inclusive um espaço reservado na escola, resultado de um projeto feito pelo dentista, para incentivar a escovação e para aplicação de flúor. Esse espaço também está inativo.

O turno que tem a maior quantidade de alunos é o vespertino. Durante a noite funcionam o EJA (Educação para Jovens e Adolescentes) e o ensino supletivo. De acordo com o que a diretora nos disse, é o turno mais complicado, porque há maior negligência por parte dos(as) professores(as) e maior desorganização dos(as) alunos(as).

A maior parte de alunos(as) da escola pertencem – fazendo um pequeno perfil geográfico – às comunidades Brasília de Palha, São Rafael e Padre Hildon Bandeira<sup>3</sup>. Essas são comunidades de baixa renda da cidade de João Pessoa. Essa informação condiz com o

---

<sup>3</sup> Informação concedida pela diretora.

que apontamos no início do texto, no que se refere a presença maior de estudantes de baixa renda nas escolas públicas. Pesquisas em âmbito nacional podem confirmar essa tendência, não obstante, para confirmar a realidade em João Pessoa, deve-se fazer uma pesquisa maior.

### **Violência**

Mencionamos no início que já na primeira visita tomamos conhecimento de uma briga com arma branca no interior do colégio. Isso despertou o interesse em saber se se tratava de acontecimento rotineiro e, ao que parece, brigas desse tipo são uma constante.

Tomamos conhecimento inclusive de um fato gravíssimo que acontecera no interior de uma sala de aula. Uma aluna sofreu uma tentativa de estupro por três alunos. Felizmente nada de mais grave aconteceu, pois a tentativa foi mal sucedida. Ao que parece a polícia não foi informada do caso. É preocupante pensar um espaço que existe para dar aos(as) estudantes educação, segurança, suporte psicológico e lazer, encontrar-se em tal situação.

Outro fator que merece ser mencionado é que a polícia entrou na escola, em busca de um possível aluno que estaria envolvido com a criminalidade. Encontrou um aluno com o mesmo nome do possível criminoso, começou a espancá-lo na quadra de esporte da escola e só depois de muito tempo descobriu que não era o estudante que a polícia procurava. Reforçando o preconceito e violência foram embora como se nada tivesse acontecido.

### **Aspectos político-sociais – o público e o privado**

Além da conversa com a diretora – tanto a anterior quanto a nova diretora eleita<sup>4</sup> – e das conversas aleatórias com um(a) ou outro(a) professor(a), um funcionário deu-nos especial atenção. Foi o atual bibliotecário do turno da tarde. O professor foi um informante importantíssimo, pois dedicou um tempo considerável para conversar conosco e, por trabalhar já durante muito tempo na escola, conhece-a bem e faz parte da sua história.

O bibliotecário era professor de geografia e lecionou durante 28 anos, ele está na biblioteca por remanejamento devido a um problema de saúde. Ele nos esclareceu melhor as informações acerca do processo judiciário o qual a escola está enfrentando. Segundo o

---

<sup>4</sup> Durante o período da pesquisa acompanhamos o processo eleitoral do cargo de direção da escola.

professor, a antiga diretora usou uma verba em outra ação que não a solicitada, por falta de informação de como agir corretamente com os recursos direcionados à escola, por isto está sendo processada.

O bibliotecário nos falou um pouco da história da escola e do período da construção da UNIMED, hospital particular que está localizado bem próximo à escola. Nessa época o professor era diretor da escola (período entre 1996 e 1998). A construção desse hospital é prova de como a escola pública e a educação brasileira são desvalorizadas em detrimento da supervalorização da economia representada pelos privilégios concedidos às empresas privadas. Explicaremos alguns motivos que nos mostram essa realidade.



Durante a construção do hospital, o pequeno campo de futebol – uma das poucas áreas de lazer dos(as) alunos(as) – foi utilizado como canteiro de obras. Dificil situação enfrentada por esses(as) estudantes, ao assistirem aula com uma obra de grande porte acontecendo literalmente ao lado da escola, sem mencionar que os(as) estudantes ficaram sem poder usar o campinho de futebol, levando-se em conta que esses(as) alunos(as) já dispõe de pouquíssimos recursos de lazer.



A construção do hospital também causou rachaduras nas paredes da escola que até hoje ainda podem ser vistas. Questionamo-nos então, o que foi feito pelo hospital para reparar ou compensar o estrago feito? O hospital doou alguns materiais para a escola e fornece pães e leite para a merenda dos(as) alunos(as).

Outro fator que condiz com o contexto – utilização do público pelo privado – é uma

pequena casa que foi construída no quintal da escola. O objetivo de construção da casa era ser moradia do vigilante, contudo, essa casa foi emprestada a uma merendeira que estava com dificuldades financeiras e, depois disso, foi passando de “mão em mão”, segundo o bibliotecário. Atualmente a casa está alugada, o que impossibilita a utilização da parte externa da escola. O bibliotecário disse ainda que tinha o projeto de fazer uma horta com os(as) alunos(as), mas o aluguel da casa acabou impossibilitando o uso do quintal da escola que acabou se transformando no quintal da casa.

A questão confunde a "exclusão" de um espaço que é público, com "privação relativa". Alba Zaluar faz um comentário muito apropriado para este contexto:

A privação não é apenas de bens materiais, até porque muitos deles têm mais importância simbólica — de afirmação da posição hierárquica ou de uma identidade através do estilo (...). A exclusão, que também tem de ser entendida em vários planos e processos, é simultaneamente de justiça e institucional (ZALUAR, 1997, p.4).

### **Aspectos sociais (escola, comunidade e empresa)**

Houve um contrato informal entre a Empresa Unimed e a diretoria da escola, uma vez que a empresa utilizou o terreno do campo da escola para depósito de material, no período de sua construção. A diretora foi até a direção da Unimed exigir uma providência e teve como contrapartida uma proposta da empresa em assumir um “compromisso social” com a escola no sentido de fornecer pão e leite aos alunos(as) todas as manhãs, como também encaminhá-los – os que têm médias anuais acima de sete e estiverem interessados – para participarem do coral da empresa que é formado por alunos(as) de outras escolas públicas. E em retorno à empresa, a escola garante a vaga de seus funcionários que ainda não concluíram o ensino fundamental ou médio no EJA.

Isso fortalece o poder econômico em face a ausência do Estado em suas funções básicas, em especial na escola, no que diz respeito à alimentação, cultura e lazer. Percebemos que a escola pública realmente passa por muitos problemas. É o descaso do governo que não investe de forma satisfatória em sua melhoria, o desestímulo dos(as)

alunos(as) que estudam em locais inadequados e em péssimas condições<sup>5</sup> e os(as) professores(as) que, também desestimulados por trabalharem muito, terem salários ruins e verem diariamente todo esse contexto, acabam por exercer mal sua profissão acreditando que em nada podem contribuir para mudar esse quadro.

E que impressão nos causou encarar a realidade do nosso futuro ambiente de trabalho como professores(as) de sociologia? Foi bastante chocante, pois discutimos esses problemas diariamente em sala de aula, mas ver os problemas frente a frente é bem mais impactante.

Gostaríamos de lembrar aqui a concepção de educação trazida por Adorno, que consiste na idéia da produção de uma consciência. O autor coloca que a formação dessa consciência é de grande importância política. É, aliás, segundo ele, uma exigência política:

(...) uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seus conceitos, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO. 2000, p. 141-142).

Emancipação aqui diz respeito à autonomia e essa autonomia consiste na idéia de um indivíduo consciente do que acontece ao seu redor. A sociologia pode ajudar nessa tarefa, pois um dos seus objetivos é despertar no(a) estudante um estranhamento e uma desnaturalização de visões de mundo, isto é, fazer com que eles(elas) percebam que a sua realidade não é dada.

A escola dever estar, portanto, em consonância com o pensamento Weberiano, sendo um lugar da efetivação de saberes. A educação de qualidade e a escola em boas condições são instrumentos fundamentais para a realização desse projeto educativo.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. Educação – Para que? In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

---

<sup>5</sup> A escola inteira está com rabiscos e manchas nas paredes, carteiras e mesas riscadas e quebradas, os quadros negros estragados, fiação elétrica provisória em alguns pontos, etc.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 12, n. 35, fevereiro 1997. Disponível em:

<

HYPERLINK "http://www.scielo.br/scielo.php" <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em

0

7

/

1

1

/

0